

Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESP

Class.: 11

Data 08/02/75

Pg.: _____

Funai comprova a grande incidência de oncocercose

ESP-8.2.75

Viúva de índio pede indenização

Dona Hilda Brasil Lima, viúva do índio aculturado Florentino Ferreira Lima, que morreu há três anos em consequência de intoxicação alimentar aguda, ingressou na 1.ª Vara dos Feitos da Fazenda de Manaus com uma ação pleiteando indenização de Cr\$ 221.184 contra a Funai. Ela assegura que a intoxicação que matou Florentino foi causada por alimentos servidos no posto indígena do rio Camanauá, onde ele trabalhava como motorista de barco, a Cr\$ 576 mensais.

A Funai, contudo, responde que o índio "era dado ao vício da embriaguez e no dia de sua morte se encontrava bebendo cachaca, utilizando, como copo, uma lata de lubrificante vazia".

Carona, um mal para os índios

A campanha "Não de carona a índio", planejada pela Funai, só não foi iniciada porque a Fundação ainda não encontrou o apoio financeiro necessário, que, agora, poderá ser dado por uma rede bancária com sede em S. Paulo.

O projeto inclui a confecção e distribuição de cartazes nas estradas e postos de gasolina, além de mensagens pela imprensa, alertando os motoristas para a inconveniência de darem carona a índios e deixá-los em cidades onde não têm condições de sobreviver.

Um funcionário da Funai explicou: "Em Salvador, encontramos certa vez índios do Piauí. O que um índio do Piauí tem a fazer na Bahia?"

Da Sucursal de BRASÍLIA e do Correspondente em MANAUS

Entre 310 indígenas e brancos do Amazonas examinados recentemente por uma equipe de médicos da Fundação Nacional do Índio, 94 estavam atingidos pela oncocercose, a doença transmitida pelo mosquito pium e, que provoca a cegueira. Ao dar esta informação, o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, disse ontem que contra esta doença existe apenas um remédio francês, caro e que, se aplicado, mata o índio, por não ter este a resistência física suficiente.

A equipe médica, limitando o seu trabalho à procura de novos focos da oncocercose em parte do Amazonas, descobriu 10 locais em que a doença ainda não era conhecida. Comprovou também que a oncocercose, iniciada na fronteira com a Venezuela, já se expandiu além de Roraima, penetrando com 15 focos no Amazonas e atingindo as divisas com o Pará e Acre, caminhando também no rumo do Centro-Oeste.

O médico José Alfredo Guimarães, um especialista em doenças tropicais e chefe da equipe, comunicou em seu relatório à Funai que o número de casos positivos de oncocercose chega a ser de 100 por cento em dois grupos indígenas, o uxi-utheli e o yanomanni. Este segundo grupo encontra-se em situação ainda mais grave, em Roraima, onde se concentram quase todos os yano-

manni, inclusive em torno da serra do Surucucu, local em que foram descobertas há poucos dias as reservas de urânio.

DEZ NOVOS FOCOS

O relatório informa que o índice de 30,32 por cento de pessoas contaminadas (94 casos positivos em 310) refere-se apenas uma parte do Amazonas, enquanto pesquisadores do Hospital de Moléstias Tropicais e da Universidade em Manaus "se dispuseram a estudar esta doença entre os índios da região do Alto Solimões". Explicou José Alfredo Guimarães que o desdobramento da pesquisa é necessário "em virtude da grande extensão da área onde foram encontradas microfilarias" (fase pré-larvar dos vermes).

A região a que a equipe médica da Funai limitou sua atuação foi dividida em seis áreas. A primeira foi a dos rios Demini e Mapulau, onde foram pesquisados cinco grupos indígenas, com os seguintes índices de casos positivos: uxi-utheli — 100 por cento; welhoko-atheli — 80 por cento; welhessiipi-utheli — 76,92 por cento; pakidari 23,07 por cento, e tucano — 10 por cento. Nessa mesma área, foram examinados três brancos, sendo que um deles estava doente. Média da área, 55,70 por cento de contaminados.

A segunda área foi a do rio Waupés, com dois grupos indígenas: tucano — 31,76 por cento, e maku — 20 por cento, tendo a média de 30,18 por cento. A terceira área foi apenas a de uma tribo do Alto Solimões, a tikuna, que apresentou o in-

dice positivo de 87,50 por cento em decorrência dessa alta porcentagem, o médico José Alfredo Guimarães acertou com o Hospital de Moléstias Tropicais e a Universidade do Amazonas a extensão da pesquisa pelo Alto Solimões.

A quarta área, a do rio Içana, teve apenas um grupo pesquisado, o baniwa, com índice positivo de 5 por cento de oncocercose. Finalmente, no rio Marauá, foram examinados apenas os yanomami, com o índice de 100 por cento.

O general Ismarth de Araújo Oliveira, afirmou que, além da facilidade com que a doença se amplia, "voando nas asas do mosquito", seu combate deve exigir a intervenção de vários Ministérios, inclusive por causa da disposição federal em realizar na região programas desenvolvimentistas, o que implica no deslocamento de pessoas.

Entre esses, o programa mais exposto é a construção da Perimetral Norte, que atravessa justamente o centro geográfico da localização dos 10 novos focos descobertos, tem centenas de trabalhadores (a maioria despreparada) e prevê, com sua execução, a transferência de novos contingentes humanos.

Assim, o combate a oncocercose deve envolver, entre outros órgãos federais e governos estaduais, os Ministérios dos Transportes, da Saúde, do Interior e das Relações Exteriores. Este último deve ser chamado a colaborar por causa do deslocamento de doentes e mosquitos entre o Brasil e a Venezuela.

Sertanista adoece na aldeia

O sertanista Francisco Bezerra é uma das vítimas conhecidas da oncocercose, mas, até agora, por orientação da Funai, tem-se mantido distante dos jornalistas, sem narrar os sintomas da doença. Em agosto do ano passado, ele foi internado num hospital de Manaus, de onde saiu em janeiro, parcialmente cego, para continuar o tratamento no ambulatório. Bezerra apanhou a doença entre os yanomamis, no rio Demini, onde o cientista Nelson Cerqueira, já falecido, desenvolveu a primeira pesquisa sobre ela. O dermatologista Mario Moraes, da Universidade do Amazonas, prosseguiu as pesquisas e constatou que a

oncocercose já matou muitos índios.

Atualmente, o diretor do Hospital das Doenças Tropicais, Heitor Dourado, procede no município de Atalaia do Norte, no Solimões, a um levantamento entre os tikunas. Já o cientista Flavio Barbosa de Almeida suspeita que a doença esteja ocorrendo no município de Coari, também no Solimões.

A oncocercose, do ramo da filaria, é conhecida cientificamente como onchocerca volvulus e, além da cegueira, provoca tumores fibrosos na pele e nos olhos. Autoridades sanitárias do Amazonas disseram que ela predominou durante muitos anos quase exclusiva-

mente na Guiana (ex-inglesa) e na Venezuela, e só em 1956 entrou no Brasil. Na Guiana, segundo se informou, desenvolveu-se uma droga capaz de conter a oncocercose, que teria sido aplicada no sertanista Francisco Bezerra.

O Hospital das Doenças Tropicais informou-se que "de vez em quando chega gente do interior com essa doença, entre elas missionários, caboclos e índios aculturados". Até agora, entretanto, nenhum caso foi confirmado na zona urbana de Manaus, embora em alguns bairros cortados por igarapés existam grandes concentrações de pium, um mosquito abundante na mata.